



2017

ISSN: 2359-6597

ANÁLISE DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE FILOSOFIA NA ESCOLA BÁSICA BRASILEIRA

André Felipe Belmirio*
Rafael Pereira**
Teilor Venturini***

Resumo: Este texto propõe uma reflexão acerca do contexto mundial e também nacional da educação, apresentando não uma completude, mas alguns pontos relevantes da educação fora e dentro desta pátria. Tratar-se-á também a questão do ensino de filosofia na educação básica, na educação infantil e também na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), apontando alguns desafios da realidade particular do ensinar filosofia neste contexto. Finalizando, será demonstrada a preocupação com a educação, apresentando confiança de que é possível melhorar sua qualidade. Pretende-se apenas apresentar alguns apontamentos julgados importantes sobre o contexto da educação. Este escrito pretende participar das discussões de relevância ímpar que é a educação e o ensino de filosofia.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Escola. Desafios.

Introdução

Ao se falar em “contexto da educação” tem-se um assunto bem abrangente e, por esse motivo, o estudo desse tema, neste trabalho, estará limitado, dando para ele um ambiente fixo, para que o leque aberto possa ser fechado de um modo compreensivo.

Quando se pensa em educação, a palavra ‘mundo’ vem à mente. O que se tem pensado na educação no planeta? Claro que se tem consciência que não é possível falar da educação no mundo como um todo, mas em alguns aspectos, do que se fala sobre educação no momento presente.

Sobre educação, pode-se ver o que a organização de nível mundial mais conhecida desta temática tem a dizer. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

*Acadêmico do sexto semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina, FAPAS-RS. E-mail: andre_f42@hotmail.com

**Acadêmico do segundo semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina, FAPAS-RS. E-mail: rafael_pe_reirinha@hotmail.com

***Acadêmico do segundo semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina, FAPAS-RS. E-mail: teilor.venturn@gmail.com

Cultura (UNESCO), ao mencionar o contexto atual da educação no mundo, no ano de 2016, publicou um texto intitulado “Repensa a educação rumo a um bem comum mundial”. Neste, encontra-se a seguinte afirmação: “As mudanças no mundo, atualmente, caracterizam-se por novos níveis de complexidade e contradição. A educação deve preparar indivíduos e comunidades para as tensões geradas por tais mudanças, tornando-os capazes de se adaptar e de responder a elas” (UNESCO, 2016, p. 8).

O que a UNESCO diz neste sentido é que em meio a um mundo de mudanças, cheio de complexidades, contraposição, descobertas, e tantas outras coisas, a educação que também está no mundo, tem um grandioso papel que é: “encontrar maneiras de responder a esses desafios, levando em conta múltiplas visões de mundo e outros sistemas de conhecimentos” (UNESCO, 2016, p. 9).

Essa publicação mostra que nunca foi tão necessário repensar a perspectiva educacional no contexto mundial, como na atualidade. Isso vai ao encontro do que diz Teuler Reis, em seu escrito e fala no congresso de educação, em Santa Maria “o objetivo maior da educação é a formação do cidadão. Porém me estranha saber que na prática essa vontade não acontece como deveria” (REIS, 2011, p 44). Ou seja, para Reis o principal papel da educação é humanizar e formar cidadãos. Ao explicar porque isso não está acontecendo, ele diz: “nossos direitos e deveres estão em documentos como nossa constituição (brasileira)” (REIS,2011,p 44) que não é cumprida por nossos legisladores e nem conhecida pelos educadores. Por aí se observa que a educação vem de uma perspectiva internacional seguindo a mesma trilha no Brasil. Não se deve generalizar, mas os vários desafios que a educação vem passando segue uma perspectiva global.

1 Educação no Brasil

A realidade em que a educação se encontra no Brasil não é diferente do que a UNESCO demonstra no texto já citado, contudo, salienta-se como o país tem caminhando na questão educacional e o que tem escrito sobre esse importante tema.

Sabe-se da grandeza do Brasil, porém, a dificuldade também se mostra grande ao se falar de um contexto educacional neste país. É vasta também a quantidade de pessoas envolvidas na educação brasileira (escritores, pesquisadores e os vários profissionais da educação que são conhecidos a nível mundial). Pretende-se mostrar um pouco dessa realidade educacional.

No Brasil, pode-se dizer que a educação cada vez mais tem ganhado as agendas dos legisladores. Ao longo dos anos foi se subindo degraus de uma grandiosa escada. No início, a educação foi caminhando como também em outros países, com a chegada dos colonizadores, mas em especial com os evangelizadores que tinham em seus carismas a missão da educação, o que aqui acontece com a chegada da companhia de Jesus, que veio para catequizar, educar e formar os nativos. As primeiras escolas e universidades que marcaram a história da educação brasileira vão crescendo aos poucos. Um dos degraus mais importantes da educação no Brasil foi em 1988.

A constituição nacional efetivou pela primeira vez o direito e a obrigatoriedade da educação garantida pelo estado. Aqui está a grandiosidade da ‘educação para todos’, que se tornou um direito garantido pelo governo. Esse foi um dos mais importantes e necessários passos para educação brasileira.

De 1988 para os dias atuais essa temática foi tomando parte em discussões políticas, fóruns, debates e formação de leis como a LDB, que foi outro grande passo da educação no país, em especial em disciplinas como filosofia e sociologia, mas isso se adentrará depois.

A educação no mundo, país, estados e municípios tem passado por mudanças que trazem realidades diferentes, algumas mais favoráveis, outras nem tanto, no entanto, todas desafiam a educação, fazendo-a crescer, independente do local e instância.

Não se pode deixar de referenciar o momento que a educação passa no país com a publicação do Diário Oficial da União do dia vinte e três de setembro de dois mil e dezesseis, quando o presidente da República, por meio da medida provisória nº 746/2016, decreta algumas mudanças na educação, em especial no ensino médio. Ainda não se sabe quais serão os resultados dessa medida provisória que mexe no sistema educacional brasileiro.

2 O Ensino de filosofia na rede básica

A história da filosofia na educação básica brasileira é algo muito interessante. A filosofia era tida como algo requintado somente acessível à elite: “Entre 1553 e 1758, só os colonos brancos podiam estudá-la. Enquanto isso, índios, negros, mestiços e pobres recebiam uma educação catequético-religiosa de segunda ordem” (RODRIGUES, 2017).

Mesmo não sendo para todos, a filosofia já estava inserida no ensino básico da educação brasileira. Desse momento até hoje, vive-se um constante “vai e vem” da filosofia nas escolas. Em 1891, Benjamin Constant não privilegiou em sua reforma educacional a

disciplina de filosofia, já em 1901 a reforma feita por Epitácio Pessoa introduz lógica, ou seja, a volta de uma perspectiva filosófica nas escolas. Em 1925, a filosofia que tinha sido tirada do ensino básico, volta como obrigatória, pelas ideias liberais que se tinha no governo no momento. Dentre outros momentos que a disciplina de filosofia aparece e desaparece da escola brasileira, nesta pesquisa são elencadas somente algumas, também comentadas pelo colonista Wilson Correia, até chegar ao que se considera mais importante, a criação da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo as diretrizes de base da educação no país, conhecida como LDB. Esta lei, na seção IV, o art. 35, parágrafo III, reza: “O domínio dos conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da democracia”, trazendo, novamente, o ensino de filosofia para as escolas brasileiras.

E o que isso implica? A volta da filosofia para as escolas e sua inserção no ensino superior como nos vestibulares, provoca visibilidade, interesse e reconhecimento da filosofia. Ela trabalha com sua grande característica que é a interdisciplinaridade, ou seja, no diálogo com as outras disciplinas e também no processo de reflexão de um modo geral, fazendo do educando do ensino básico cidadão reflexivo na sociedade.

Pode-se dizer que o ensino de filosofia nas escolas tem uma importância orquestral, porque esta insere os alunos no processo da reflexão de um modo crítico, de um modo positivo que é fazer uma reflexão profunda do mundo. Tudo isso acontece devido a essa lei, que neste momento, corre certo risco, em especial a disciplina de filosofia. A medida provisória publicada no diário oficial da união de nº 746, de 2016, modifica todos os aspectos referentes à filosofia que está garantida na LDB, seção IV, do art. 35, parágrafo III. Isso faz com que a filosofia, de modo direto, deixe de ter a importância proposta, deixando assim de proporcionar o que Walter Kohan chama de abertura ao questionamento, que faz a pessoa ter uma abertura para as questões atuais e questioná-las.

[...] a filosofia contribui para se manter aberta sempre a pergunta [...]. A filosofia é ela mesma [...], seu exercício impede o continuar pensando da forma em que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste uma utilidade definida externamente (KOHAN, 2000, p. 189).

Sabendo da contribuição da filosofia e da importância da LDB, espera-se, de forma muito atenta, o esclarecimento da medida provisória que foi aprovada pelo governo, causando alterações pontuais na educação brasileira. No atual contexto, a desobrigação do estudo de filosofia seria abrir mão de proporcionar uma visão que problematize e reflita o sentido das coisas no mundo.

2.2 O Ensino de filosofia para criança

Quando se pensa no ensino de filosofia, seja a etapa que for, sabe-se que será um desafio. Agora, e quando se fala de filosofia para crianças? Sabendo do papel que a filosofia tem desempenhado na sociedade em geral, como introduzir uma criança no mundo da reflexão, deliberação e o conhecer das coisas? Para Lipman, "a expressão filosofia para criança consiste em fazer uso da filosofia como elemento nuclear da educação" (PEDRO, 2012, p.1). Mas, como se dará isso? Pode-se dizer que o professor teria uma prática pedagógica de um modo inovador, com uma linguagem acessível à criança, desenvolveria temas da filosofia fazendo a criança pensar em sua realidade através do que ouviu o professor fazer, e assim o educador a envolveria dentro da filosofia, ou seja, pensando, deliberando, questionando, porque a filosofia não veio para criança como algo rebuscado, mas sim como algo amigável e em sua linguagem, possibilitando-lhe discutir algo que é de sua realidade e que para ela é importante. Segundo Lipman:

As crianças deveriam adquirir a prática em discutir os conceitos que elas consideram importantes. Fazer com que discutam assuntos que lhes são indiferentes priva-as dos prazeres intrínsecos de se tornarem educadas e abastece a sociedade com futuros cidadãos que nem discutem o que lhes interessa nem se interessam pelo que discutem (1990, p. 31).

Professor e alunos juntos estão abertos para um diálogo na busca de percorrer um caminho rumo ao saber, e com isso pode-se afirmar que a filosofia para crianças quer valorizar a partilha do saber entre professor e aluno, e também com toda a comunidade escolar. Habermas chamaria isso de elemento comunicativo, sendo carro chefe deste caminho do saber.

O que então a filosofia para criança quer na perspectiva de Lipman? Trazer para a criança o despertar para o saber, de modo que os temas que para ela são importantes sejam com o professor partilhado e esse diálogo faz com que os dois possam, em um processo de pesquisa e argumentação, chegar ao conhecimento.

2.3 Apontamentos acerca do ensino de filosofia para a EJA

Ao adentrar nessa temática, adentra-se em algo ainda pouco falado na área da educação, filosofia para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ainda não é algo tão claro e presente no meio educacional, porém nas academias onde se estuda licenciatura em filosofia, cada vez mais se estuda metodologias e formas didáticas e pedagógicas para o ensino na EJA.

Que o desafio de ensinar filosofia na EJA é grande não há dúvida, mas o que se pretende aqui é refletir como o professor poderá, enquanto mediador do conhecimento, fazer com que esse momento em que o educando da EJA tem o contato com a filosofia possa estar enriquecido de reflexão, discussão e questionamentos da sua vida e do mundo de forma geral. A questão é: como o professor pode fazer acontecer de um modo profícuo que a filosofia cumpra o com seu papel no ensino para jovens e adultos?

Sabendo que não se pode usar para o ensino de adultos a mesma metodologia apropriada no ensino para crianças, faz-se necessário que o professor tenha uma contextualização do meio no qual estão inseridos os educandos. Ajudando a refletir sobre isso, Leôncio Soares diz:

A contextualização se refere aos modos como estes alunos podem dispor de seu tempo e de seu espaço. Por isso, a heterogeneidade do público da EJA merece consideração cuidadosa. A ele se dirigem adolescentes, jovens e adultos, com suas múltiplas experiências de trabalho, e vida e de situação social, aí compreendidos as práticas culturais e os valores já constituídos (2002, p. 122)

É de fundamental importância essa contextualização no ensino da EJA, a fim de fazê-los mais engajados na realidade, provocando os alunos em uma reflexão filosófica. Quanto ao método de ensino, é necessário uma descontextualização do método de filosofia para crianças, e isso por meio de um diálogo junto aos alunos, adentrando na educação de jovens e adultos, conforme suas necessidades e o papel da filosofia, com a finalidade de realizar um momento eficaz e real em sala de aula.

O ensino de filosofia na EJA deve estar em consonância com o dia a dia dos alunos, fazendo destes, questionadores e observadores de sua própria realidade, a sala de aula vai se fazendo um espaço de diálogo e reflexão de sua realidade. Habermas, com a teoria do agir comunicativo, propõe o seguinte:

Para Habermas, o contexto da interação permite-nos compor uma ação coordenada e integrada pelo agir comunicativo. Esta deve ser a pressuposição básica da práxis educativa, pois é a partir da correspondência estrutural entre os atos de fala comunicativos e o mundo da vida que podemos inferir a idéia de que cultura, sociedade e personalidade têm nas ações do tipo comunicativo o seu meio de reprodução, de modo que fica estabelecida uma forte relação entre o agir comunicativo e a educação (GOMES, 2009, p. 246).

Pelo diálogo vai-se fazendo filosofia, e com esse grande meio vão se inserido os alunos na perspectiva da reflexão e da problematização, com a finalidade de que eles partem em busca do conhecimento para uma vida melhor e autônoma.

Conclusão

Conclui-se que a educação, de forma geral, é um grande desafio, mas que através das discussões caminha-se na busca de melhorar e motivar o homem a cada vez mais buscar, através da educação, o saber. Por mais difícil que seja a realidade da educação, é algo de muito aprendido dado que deve se enfatizar cada vez mais a questão de um professor como mediador O professor também tem uma oportunidade ímpar de aprender com os alunos. Pelas diversas questões e reflexões todos podem crescer.

Para esta breve reflexão acerca da educação, filosofia e docência, pretende-se que este estudo deixe claro que a educação, de um modo geral, teve uma grande ascensão, e isso é de uma importância ímpar para todos. Pretende-se esclarecer, também, que a filosofia, fazendo parte desta ascensão, subiu vários degraus na prática docente, um deles foi o retorno à sala de aula no ensino básico, garantido pela LDB, que corre sérios riscos, na atual conjuntura. A experiência, tanto teórica quanto prática, de estar em uma realidade da EJA, mostra que os desafios são sinônimos de um aprendizado coletivo. É prazeroso realizar esses estudos e ter contato com essa realidade do ‘mundo escolar’. Conclui-se com a preocupação do que pode acontecer com a implantação da reforma no ensino, prevista pela medida provisória já citada, no entanto, acreditando muito no que diz o filósofo alemão Nietzsche:

Como um “operário de fábrica”, distante e alienado da cultura autêntica, e produtor de um “pseudo-cultura” que do mesmo modo ocorre para o advento da barbárie. Em suma, a cultura não pode se reproduzir e crescer quando a educação esta orientada para uma profissão, uma carreira, uma função, um cargo, quando é movida pelo “espírito utilitário”, quando é verificada através de exames obrigatório e integradores, quando é extensiva e universalizada [...] (2004, p. 11).

É necessário acreditar em uma cultura e educação que eduquem para a vida, que formem seres humanos e não meros profissionais, uma educação que dê sim liberdade, mas que possa ensinar os alunos a fazerem uso da liberdade de uma forma certa.

Referências

GOMES, L. R. Educação e comunicação em Habermas: o entendimento como mecanismo de coordenação da ação pedagógica. **Cadernos de educação**, FaE/PPGE/UFPel, PELOTAS – 33: 231 – 250, Maio/agosto 2009.

KOHAN, W. O.; LEAL, B.; RIBEIRO, A. (Orgs.). **Filosofia na escola pública**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LIPMAN, M., **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. Traduzido por Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

PEDRO, A. **O Filosofia para crianças uma proposta para (re)pensar a educação?**, Universidade do Minho, Braga. Fevereiro/Abril, 2012.

REIS, T. **Ética: um conhecimento transformador**. Org. Jolair C. Silva e Rogério Baptistella. ed. 1. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

RODRIGUES, L. J. . **Filosofia, Educação Básica e Cidadania**; Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao/filosofia-educacao-basica-cidadania.htm>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

SOARES, L. **Educação de Jovens e adultos: diretrizes curriculares nacionais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

UNESCO., **Repensar a educação rumo a um bem comum mundial**, Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244670POR.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2017.